

Recebido em 20/09/2023 e aprovado em 28/03/2024

VIAJANTES NO FIM DO MUNDO: HOSPITALIDADE E PORVIR EM DOIS LIVROS DE TAWADA YŌKO

Fabio Pomponio Saldanha¹

Resumo: O texto tenta unir conceitos derridianos de democracia do porvir e hospitalidade em duas obras de Tawada Yōko, em perspectiva comparada. Traçando um paralelo entre o livro *Emissário* (2013), com um foco maior na novela presente dentro do mesmo, cujo título também é o do livro, e *Espalhados por toda a terra* (2018), o texto tem como objetivo analisar duas perspectivas propostas pela autora ao acontecimento da explosão dos reatores em Fukushima, seguido do (não tão natural) triplo desastre que assolou não só a cidade em si. Ao recontar, de forma resumida, como se dá o desenvolvimento narrativo de ambas as obras, tenta-se observar, desde construções como o nome das personagens, até mesmo a importância de entregar-se ao imponderável daquilo que ainda não se conhece (que é simbolizado na obra como a viagem feita pelo protagonista da obra), como respostas diferentes a um mesmo acontecimento, também indicando como o próprio trauma coletivo-individual é retrabalhado, vez após vez, no suporte literário.

Palavras-chave: Tawada Yōko. Jacques Derrida. Fukushima. Porvir. Trauma.

TRAVELERS AT THE END OF THE WORLD: HOSPITALITY AND FUTURE IN TWO BOOKS FROM TAWADA YŌKO

Abstract: The paper attempts to unite Derridean concepts of future democracy and hospitality in two works by Tawada Yōko, in a comparative perspective. Drawing a parallel between the book *Emissary* (2013), with a greater focus on the novel present within it, whose title is also that of the book, and *Scattered All Over the Earth* (2018), the text aims to analyze two perspectives proposed by author to the event of the reactor explosion in Fukushima, followed by the (not so natural) triple disaster that devastated not only the city itself. By recounting, in a summarized way, how the narrative development of both novels takes place, we try to observe, from constructions such as the characters' names, to even the importance of surrendering oneself to the imponderable of what is not yet known (which is symbolized in the work as the journey taken by the protagonist), as different responses to the same event, also indicating how the collective-individual trauma itself is reworked, time after time, in the literary support.

Keywords: Tawada Yōko. Jacques Derrida. Fukushima. Future to come. Trauma.

I. Perguntas iniciais

Narrar um desastre pode chegar a alterar a própria forma escolhida para transformar uma realidade-dura, fato, em ficção, realidade-representada? Uma resposta um tanto simples seria sim, caso se veja no fluxo de informações entre fato-ficção algo da ordem de vasos comunicantes, a terem certa possibilidade de dupla alteração. Não a sugerir uma capacidade intrínseca ao texto literário, ou à realidade, o papel fundamental de baliza para alteração do que chamamos de realidade ou texto literário, mas sim, que, a partir da dupla conexão entre os termos, perceberíamos o quanto estabelecemos conexões a partir do binarismo, tomando-o como certo, atribuindo caracterizações estanques e dicotômicas a cada um dos termos.

Tentar qualquer outro tipo de pensamento a não ceder ao binarismo requer, portanto, a atenção ao próprio binarismo, para não se atribuir de forma estanque e unidirecional características como, por exemplo, influência, verossimilhança, ou até mesmo, para pensarmos no trauma, testemunho, autoficção, etc. Tentando responder, então, de outra forma, a pergunta que abre este texto, diria que *talvez* um desastre seja capaz de alterar a própria forma, materialidade pela qual a literatura se constrói, de maneira a podermos pensar certa *estética do trauma*, tendo em mente que estamos aqui focados a pensar um trauma em específico, o de Fukushima (2011), quando da já completada uma década desde o derretimento, explosão e danos do triplo desastre que, desde o resumo deste texto, nega-se a alcunha adjetivada de *natural* para todos os desdobramentos posteriores ao *tsunami*.

Sem muitas delongas, comecemos a discutir os dois livros mencionados no resumo, tendo em mente que a proposta aqui, também, não busca pensar uma linha de mão única entre teoria e prática, como se a desconstrução, ponte escolhida para as proposições em torno de dois livros de Tawada Yōko, não fosse também uma determinação crítico-analítica já interessada, pressupondo um manejo anterior para a forma pela qual se poderia pensar o que é fazer análise literária, ou crítica, a deixarmos para outro momento, também, a própria implicatura entre escolher um ou outro termo, tentando

entender, a partir do ponto de vista do analista, do crítico, em que lugar da dicotomia entre o fazer teórico e o prático cada um se encontraria.

II. O emissário sem nome, cheio de futuro

O narrador em terceira pessoa de "Emissário" (2013)² acompanha o desmantelamento do Japão após o acidente de Fukushima, em algum ano sem muita localização exata. Não se sabe quanto tempo exatamente passou: o que se entende, todavia, é que o mundo outrora existente já não tem qualquer laço de conexão com o país descrito no momento da narrativa. Acompanha-se, com atenção, a história de Yoshirō, um romancista centenário, e Mumei, seu bisneto: a radiação, constantemente mencionada na novela, entrou na rotina das personagens de tal maneira que o próprio fluxo da vida se encontra invertido — aos mais velhos, como o bisavô, não se vê no horizonte a chance de morrer e, aos mais novos, ao contrário, tudo se torna precário, de curta duração.

Se o bisavô é o símbolo da saúde, em suas caminhadas matinais, na capacidade de trabalhar e ser autônomo, ao bisneto só lhe resta ser cuidado — não consegue andar mais que alguns minutos por conta própria, não bebe um copo de suco de laranja sem correr sérios riscos de se engasgar, tem dentes fracos, entre outras características que fazem de sua existência algo a correr o risco de, logo menos, deixar de ser sequer uma existência, dado que, plena, de fato, nunca fora. Essa descrição atinge também uma representação em concomitância com o país como um todo: o Japão da narrativa se torna, mais uma vez, uma nação reclusa, como um *sakoku* 2.0.³

No entanto, diferentemente da época na qual o trânsito internacional, mesmo se contido ao máximo, ainda existia, a noção de mundo exterior após esse novo fechamento atinge tamanha hostilidade ao externo que até mesmo palavras derivadas do uso internacional já se encontram com a etimologia alterada. Essa espécie de nova política interna, inclusive, transforma os conflitos geracionais em uma espécie de degradação de

consciência histórica, no qual aquilo a ser considerado estrangeiro, se permanece vigente na vida interna japonesa, já se encontra reescrito, restabelecido, como se a origem etimológica tivesse se tornado uma espécie de palimpsesto da exclusão do diferente. Vejamos um exemplo:

O proprietário da padaria dava a cada variedade de pão o nome de uma cidade alemã, que ele descrevia em caracteres chineses com pronúncia parecida. Assim, "Hanover" equivalia a algo como "a faca da tia", "Bremen" significava "macarrão mole", e Rothenberg soava como "refúgio das termas ao ar livre". (TAWADA, 2023, p. 13)

Ainda que, de certa forma, se entenda a existência de algo como externo ao arquipélago japonês, as confirmações da expulsão da diferença e a tentativa de naturalização do alienígena como nativo se dão também com a própria vigia na utilização das reminiscências do que era externo:

No momento em que pronunciou "Nova York", sua voz se reduziu a um sussurro rouco. Embora não se soubesse de punições por infringir a estranha lei que proibia mencionar o nome de cidades estrangeiras, todos se abstinham de pronunciá-los. Não havia nada mais aterrorizante do que uma lei em vigor mas jamais aplicada. Se quisessem prender alguém, bastaria invocar de repente a norma que todos vinham infringindo sem se preocupar. (TAWADA, 2023, p. 32)

A dissolução da diferença parte do princípio, então, de ser impossível sequer mencionar o mundo fora do arquipélago, como se tudo além daquilo a ser entendido como seu próprio limite fronteiro devesse ser, para sequer existir, transformado em algo nativo. Os nomes dos pães, por exemplo, só assumem certa característica de existência por serem escritos em *kanji*: a correlação com os nomes em alemão não existe por fazer correspondência direta com as cidades, outrora marcadas por esses mesmos nomes em *katakana*, sistema linguístico que, inclusive, deixa de ser usado na narrativa, marcado como fadado à repreensão, por lembrar ao mundo de dentro a existência do externo. São, tanto o narrador, quanto os mais velhos, que, de certa forma, ainda possuem a consciência já cada vez mais rarefeita da exclusão do Japão de certa perspectiva cosmopolita, focado agora em sua

versão de dentro para dentro, tendo como máximo alcance exterior somente aqueles territórios outrora anexados ao seu, como Okinawa.

É da narrativa a seguinte passagem:

- Parece que as pessoas que moram em Okinawa chamam agora o local de Ryūkyū.
- Ryūkyū? Legal, né? Mas será que é um movimento de independência...?
- Isso não deve acontecer. Afinal de contas, se Okinawa se tornar outro país, não poderá mais vender frutas ao Japão nem receber trabalhadores migrantes, por causa da política de isolamento. (TAWADA, 2023, p. 59)

As feridas da consciência histórica da transformação colonial de Ryūkyū em Okinawa, para posteriormente a possibilidade do retorno ao nome inicial, passam batidas pela diferença geracional entre as personagens, Yoshirō e uma amiga de sua filha. A chance posterior ao medo da independência é a já possível exclusão de um arquipélago pelo outro, como também da reescrita que subsume o porquê da possibilidade de alteração do nome. A dívida estabelecida parece funcionar, de certa forma, pela consideração de que Okinawa teria uma certa responsabilidade por permanecer como prefeitura japonesa, sem se desconectar, como se sua população local fosse obviamente cair em qualquer tipo de destino horripilante por não existir mais nem o comércio, a garantir o fluxo financeiro, nem a recepção de mão de obra de Honshu, como se não houvesse mais nenhuma outra possibilidade de vida a não ser essa, de agora, já apagada totalmente de suas raízes que a levaram a construir o modo específico isolado de noção de realidade.

As nomeações de algo que perpassa o conflito entre o Japão de antes e depois do acontecimento derradeiro, ou seja, do triplo desastre tornado a causa do novo *sakoku*, seguem nessa zona de indecisão da narrativa na qual se mantém a tentativa, pelos conflitos entre as gerações, do palimpsesto como apagamento da história e da causa do afastamento do Japão do resto do mundo, como quase uma ilha autossuficiente — ou desejosa de assim ser entendida. Isso porque só se tem ciência do afastamento do resto do mundo porque, tanto narrador, quanto os centenários, ainda se lembram de tais fatos,

ou ao menos Yoshirō parece ser aquele a metonimizá-los, de que algo antes da situação ali dada existia. O que não se fecha para os mais novos, no caso: para Mumei, por exemplo, esse passado com o qual às vezes o bisavô parece se enroscar no mundo dos pensamentos é algo tão distante e inacessível que não faz sentido sequer imaginar como verossimilhante, não havendo como conseguir traduzi-lo para o japonês atual do bisneto, sem materialidade possível de ser retirada daquilo que o bisavô só consegue recuperar como lembrança.

O "lado de fora" do arquipélago existe cada vez mais como memória e segredo a precisar ser constantemente revelado pela narrativa, como se, caso fossem deixados sozinhos, tal fato pudesse ser perdido, como o que parece ser o caso quando nos deparamos com o estado-de-coisas da vida dos mais novos. Isso porque, com a saúde precária, sempre a um passo de uma impossibilidade total de conseguir fazer toda e qualquer coisa sozinhas, as crianças seguem sendo não o futuro da nação, o porvir esperançoso, mas o próprio estatuto de condenação dos mais velhos, a atingirem a meia-idade agora aos 90 anos, como o padeiro já mencionado. O segredo das revelações do passado, que vai tentando ser apagado mediante também a precariedade da vida que se leva no presente, no entanto, como segredo, sempre deixa escapar e entrever toda e qualquer outra possibilidade de futuro por não se saber, ao certo, o que de fato poderia acontecer, ou o que de fato chegará, quando o futuro passar a ser futuro presente.

Mesmo sendo um Estado desejoso de controle das palavras a serem ditas, do que se veicula ou não no jornal, o futuro radioativo criado por Tawada Yōko, na novela "Emissário", continua apontando um caminho possível para o Japão, que não se inscreve na própria narrativa em si, mas sim em sua promessa sem promessa, em seu próprio futuro a ainda um dia existir, na figura mais enigmática da narrativa: Mumei. A própria ausência de nome próprio (o nome se escreve, em japonês, 無名, sem-nome) pode indicar já uma quebra da tentativa de controle estatal pela constante marcação do endógeno como correto, mesmo quando aquilo a ser entendido como nacional vem, de

fato, de outro lugar cujo laço já fora quebrado e assim se deseja que permaneça.

Mumei se torna uma das crianças observadas por organizações secretas, sendo um dos escolhidos para ser enviado ao mundo "do lado de fora" do arquipélago, para estudos que pudessem ajudar a entender os efeitos da radiação no corpo das crianças, assim como o que seria possível fazer para tornar a vida melhor, mesmo nas condições encontradas naquela atualidade. E que a esperança possível para qualquer outro tipo de futuro se encontra exatamente em alguém cujo nome é a própria ausência de nome, talvez, já indique outra relação com todo o esquema repressivo da narrativa, a constantemente tentar fazer com que o nativo se torne algo, em teoria, autorrepresentado e autossuficiente.

Em meio à hostilidade ao diferente, ser exatamente a possibilidade de outro futuro, outro porvir, aquele que carrega a negação da nomeação, na língua de partida, a uma referencialidade que ali se encerre, já parece, através da narrativa de Tawada, sugerir a impossibilidade da contenção, da excessiva referencialidade como artificializada, dado que o futuro, assim como a língua, são mutáveis, se transformam e se contaminam, sem previsão ou controle daquele a ali permanecer como exigência violenta de segregação.

III. Sisu, não sushi

Se o Japão de "Emissário" estava às vésperas de um desaparecimento, o arquipélago, já em "Espalhados por toda a terra" (*Chikyūni chiribamerarete*, 地球にちりばめられて, 2018) está registrado como desaparecido. Hiruko, aparentemente a única sobrevivente, a manter a lembrança viva do país que um dia existiu, sai, pelo mundo, a procura, então, de outra pessoa a ainda se lembrar não somente da existência do país em si, mas que também fale sua língua materna, que ainda tenha na memória a possibilidade de se comunicar da forma como ela, de si consigo, conseguia.

A narrativa como um todo, nesse primeiro romance de uma trilogia,⁴ já é também outra maneira de se pensar e narrar não só a perda dessa referencialidade possível a um pertencimento nacional, dado que a terra natal de Hiruko já não existe e, a mesma, dentro da narrativa, já nem sabe mais responder qual é sua cidade natal (*kokyō*, 故郷), tornando-se uma espécie de cidadã do mundo, vagante cosmopolita. O livro em si é também uma narrativa fractal, repartida, contando com outros narradores, além de Hiruko: Knut (クヌット), Akasshu (アカッシュ), Nora (ノラ), Tenzo (テンゾ), Nanūku (ナヌーク) e Susanoo se revezam entre os capítulos para, cada um a sua vez, mostrar também seus próprios motivos e porquês de estarem, então, saindo para o mundo, tentando encontrar, fora daquilo a se considerar uma pátria, uma terra natal, uma outra experiência, outra forma de se relacionar com o mundo e com o outro que também justificam a sua própria caminhada.

Se a história começa com o auxílio de Knut a Hiruko, interessado em entender mais sobre a *pansuka*, língua artificial criada por Hiruko para poder se comunicar com os outros que, mesmo sem dominarem a língua, parecem conseguir entendê-la, pela grande mistura de idiomas localizados entre países nórdicos, como é o caso de onde mora Knut originalmente, a narrativa entre os dois se desenrola ao ponto de, ao tentarem encontrar outros falantes da língua nativa de Hiruko, o japonês, conheçam os outros personagens da trama, desenvolvam romances que são, de certa forma, outras formas de amar que não as atuais, como uma vida que não dependa do contato sexual, como Akasshu diz a Knut, e criem, todos entre si, uma espécie de laço através daquilo a ser chamado, em outro contexto, de cosmopolitismo da perda (SISKIND, 2020).⁵

Em um mundo marcado pela ausência e pelo apagamento do Japão da história mundial, aquilo a ser entendido a partir da narrativa não é só a dissolução de uma nação, deixando como testemunha desse sumiço, desse desaparecimento, talvez, somente Hiruko. O quadro maior, a ser visto pela vastidão dos territórios a serem perseguidos por esses viajantes, cuja constituição se torna algum tipo de perda, é a própria viagem pela perda, em

si e de si.⁶ Entre personagens cuja relação com os pais se encontra em desmantelamento, esquimós que buscam uma outra oportunidade de vida em outros países, narradores que passam por um entendimento de si enquanto transexuais e decidem narrar tal processo de autoentendimento e pesquisadores que não sabem mais o que estão fazendo dentro da academia, o mundo criado pela narrativa de Tawada Yōko coloca em desconcerto as categorias fixas pelas quais, através de dicotomias, se criavam princípios basilares de identidade.

Nação, família e gênero vão se desmantelando ao longo dos capítulos, nos quais o futuro, a ainda se tornar presente, segue se anunciando enquanto força possível de desorganização dos elementos de pertencimento social na atualidade, a fazer com que os personagens saiam em busca de algo que vai, mesmo tendo como premissa encontrar outros sobreviventes como Hiruko, ao longo do tempo, direcionando a busca a também ser outra coisa, outra determinação, como outras formas de ser, existir e ver o mundo, que não as atuais, que não limitadas por aquilo a justificar a própria noção que as desestabiliza e as coloca em trânsito, em busca de outras formas de traduzir o próprio determinante da busca em si.

O itinerário de viagem em busca de outros sobreviventes que falem japonês marca, inclusive, a própria confusão do exercício de tradução do esquecimento, uma espécie de lado-B do feito pelo Japão de "Emissário". Logo no início, em uma das primeiras conversas de Knut com Hiruko, podemos ver, por exemplo:

- O que você gosta de comer? Que tal uma comida tipicamente finlandesa? Tipo sushi.
- Sushi não é finlandês.
- Jura? Sempre achei que fosse. Há uma placa no Aeroporto Internacional de Helsinki dizendo *Bem-vindo ao país dos três incríveis S's*.
- Três esses?
- Sauna, Sibelius e sushi.
- Sushi não, sisu. Sushi não é, de forma alguma, finlandês. Mas parece não importar o quanto eu me esforce, enfatizando isso, ninguém acredita. (TAWADA, 2018, p. 21-22, tradução nossa)

Se, na novela, o estrangeiro é forçosamente convertido em nativo pela utilização extensiva de *kanji* no lugar de *katakana*, já no romance aquilo tido como nativo se dissolve na cultura de outros países, após o sumiço do arquipélago. Excluir-se do mundo, agora excluído da própria geografia planetária, gera como correlato o apagamento da própria construção possível de um conhecimento tido como aquele a entender a formação da identidade como alocutário de um Outro ali, se não presente, ao menos demarcado na diferenciação de ser aquilo que o outro não é.

No entanto, esse corpo que desaparece leva consigo a própria possibilidade de manter viva a memória, de demarcar-se como sobrevivente: Hiruko, estando sozinha no mundo, tendo que lidar com o fato de provar a presença de algo sem poder de fato comprová-la, só pode seguir tentando. E que Knut quebra suas certezas, mesmo sendo estudante de linguística, sobre a própria natureza do ser-finlandês, também irrompe em sua vontade de conhecer mais, misturar suas certezas em dúvidas, construir outro tipo de conexão, graças à Hiruko.

Se as tentativas ao longo do primeiro romance terminam em falha, talvez, o que se percebe é a própria possibilidade de ver o último sobrevivente, o último de fato até aquele momento, Susano, como se revela ao longo da trama, como outra forma de observar o trauma do sobrevivente.⁷ Daquele que, de certa forma, de fato teria experienciado o fim: Susano é marcado como aquele que sobrevive ao desastre e, por conta disso, perde a capacidade de falar. Ainda que entenda o dito por Hiruko, não consegue falar até o momento no qual a mãe de Knut, no último capítulo, começa a interpelar todos os participantes ali reunidos nessa viagem em busca do sobrevivente, qualificando-os como um grupo de degenerados, em busca dos prazeres da vida, "libertinosos". Essa cena, ao ser assim exposta, impele Susano a falar: o que os personagens ouvem, no entanto, é exatamente o vazio, o nada anunciado, já que ele, ao falar, assim o faz em uma linguagem própria, pois a mesma é silenciosa, a presença da ausência.

O fim desse início da trilogia revela que é possível entender a fala do sobrevivente do desastre, mesmo se a linguagem, ali utilizada, está tudo

menos evidentemente marcada como materialidade sonora.⁸ "E, se é assim, vamos todos [seguir viagem]" (TAWADA, 2018, p. 338, tradução nossa) é a última fala de Hiruko: em busca de um lugar no qual Susanoo possa ser reabilitado, reparado, permitindo ao trauma encontrar espaço para ser elaborado; a viagem de todos, de forma geral, seguirá.

IV. Futuro, porvir e viagem: conclusões iniciais

Prometi, desde o resumo, que outro nome seria, possivelmente, recorrente, ainda que até o momento sua presença se justifique somente na ausência e nas referências: Jacques Derrida. Uma forma de justificar é, quem sabe, a própria construção da desconstrução como um saber "externo" ao estudo do "nativo" japonês. Tawada Yōko, no entanto, como tentei demonstrar até aqui, desliza frequentemente as fronteiras do nacional não para supor uma simples superação a partir do contato entre o fora e o dentro, mas sim a percepção de que só se pode construir um fora caso se estabeleça algo como interior, como artificialidade argumentativa a chegar, de certo modo, na própria suposição da artificialidade do que é nativo, alienígena, natural, artificial, etc.

Qualquer cisão posterior deve nascer disso, da ideia segundo a qual se segue marcando e separando, cada vez mais, diferenças já postas: como o próprio conceito de traço e diferença, pensar uma dicotomia implica ver nela sua ação já *in media res*, não na sua origem, mas como já acontecido e permanentemente acontecendo (DERRIDA, 2013), criando e cindindo consequências para a obrigatoriedade da construção de um mundo em que fora e dentro são prolegômenos de uma sequência *a posteriori* de produções de diferença.

Sendo assim, pensar qualquer cenário hospitaleiro, para que o trauma seja acolhido, também pode ser entendido pela ideia segundo a qual a hospitalidade é entendida em detrimento da hostilidade, quando o direito à moradia, ao acolhimento, passando pela percepção kantiana segundo a qual hóspede e hospedeiro estão em constante chance de ameaça, de

transformar o acolhimento de todo e qualquer outro, que ali chegar na soleira da porta, em um direito de interrupção de quem pode ou não ser acolhido (DERRIDA, 2000). Assim, hostilidade e hospitalidade são, no fundo, uma só: *hostipitalidade*.

O Japão radioativo de "Emissário" seria, no fundo, um exemplo a tensionar o próprio conceito de nacional. Ao adaptar o vindo outrora "de fora" para "dentro" não mais marcado em sua divisão linguística anterior ao novo *sakoku*, mas sim com a ideia de que desde sempre lá esteve, ou seja, mudando o silabário do registro, a tensão entre o direito de permanência nas terras do arquipélago se cinde. Não mais hospitalidade demarcada enquanto estadia, marcando o fora no dentro, mas sim alienação forçosa a tentar reescrever o próprio destino do futuro da nação como um só: e, nesse sentido, é que a lei cinde mais uma vez essa produção de diferença.

Para tentar transformar em nativo algo outrora marcado como adequado do fora para dentro, é necessário o medo da sanção caso se infrinja a regra de não falar em outro idioma a não o japonês, a não ser pensar no arquipélago como um sistema autossuficiente. Com isso, cria-se um correlato de um estado cujas marcas de desejo de soberania deixam como um Outro uma espécie de presença-ausente da violência, ainda que na narrativa se sugira uma possibilidade de ler essa terra subterraneamente repressiva como pacífica.

E que Mumei, como já havia sugerido, seja uma possível saída, não parece ser senão uma resposta também a isso, a ser interpretada pela própria dificuldade de ver, no porvir, uma solução que não tente quebrar o próprio paradigma sustentador da dicotomia, sem anunciar certezas proferidas em pedra, no momento exato em que anuncia algo, a partir da possível partida do já jovem de 15 anos. Deixar em aberto, sem garantir a certeza do futuro como algo pronto e já estabelecido como consequência óbvia do presente, determinada pela forma na qual se vê o Japão de "Emissário" é, possivelmente, a maneira encontrada na novela para anunciar algo que vejo como a interpretação, do próprio narrar traumático, como também consequência estruturante da tentativa de revelação de segredos a nunca

serem totalmente revelados, sempre deixando restos. E uma figura, a tudo isso, se torna essencial: o sobrevivente direto do desastre (KIMURA, 2016; 2017; NISHIYAMA; MOREAU, 2018).

Eis que voltamos a Susano. Um sobrevivente impossibilitado de falar mas que, quando fala, mesmo sem a produção sonora, fala, consegue alocutar, a partir desses outros tantos despossuídos desse mundo que os exclui, alguém capacitado para lhe ouvir. Esse sobrevivente marcado pela fala que não fala é fruto, quiçá, desse Japão radioativo de "Emissário", conseqüente posterior do fim da ilha que se tornara hostil ao exterior e, ao mesmo tempo, à sua própria população, para manter certa imagem de soberano como detentor da beligerância e da possibilidade de usar força e lei para seu próprio argumento.

Além disso, esse sobrevivente que não fala, mas é ouvido sem a materialidade mesmo da presença da voz, em outro lugar do mundo, também não é um sobrevivente do fim do mundo como uma constatação da importância somente da revelação dos segredos, como se os mesmos indicassem, ou a manutenção das categorias dicotômicas, ou a superação de todas elas, mas sim que é, a partir dos frutos dessas constantes diferenciações entre *status* social (classe, talvez?), gênero, nação, família, que se produz um testemunho sem testemunho, sem materialidade em si, capaz de achar, entre os tantos outros testemunhantes, possibilidades de ação e reparação. Afinal, até então, a voz-muda do sobrevivente não era ouvida, mas silenciada cada vez mais, enquanto palimpsesto do reforço da lei, força externa a expulsar, de dentro para o fora do dentro, aqueles a possivelmente terem algo a dizer sobre as conseqüências da radiação no arquipélago.⁹

Como o messianismo sem messias (DERRIDA, 1994), a garantir que a democracia do porvir, numa espécie de cosmopolitismo entre os despossuídos, as personagens marcadas por ausências em Tawada Yōko são, ao mesmo tempo, aquilo a demonstrar certa conseqüência da permanência do exercício de criação de identidades, a partir de dicotomias, e indicativos dessa espécie de futuro outro a ainda se anunciar, já se fazendo presente, sem ainda estar definitivamente aqui, mas já estando.¹⁰

A necessidade, portanto, de ser um alocutário de tradução da fala sem voz, enquanto um mecanismo confuso, revelaria, também, a chance de apostarmos em uma análise que não se encerra, em uma fala que convida outras respostas ainda desconhecidas, em uma viagem, como às que se propõe as personagens ao fim do primeiro romance da trilogia, que também dê espaço, crie formas ainda a serem descobertas após a reparação do sujeito traumático, nos levando a outros caminhos. Tudo isso, enquanto se fabula com o fim do mundo, já que o mesmo só poderia existir enquanto fábula, exercício fabuloso (DERRIDA, 1987), de garantir uma chance de, enquanto lemos textos, nos transportarmos para um testemunho que desafia a própria lógica do testemunho em si.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. v. 1.
- DERRIDA, Jacques. **Psyché: inventions de l'autre**. Paris: Galilée, 1987.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional**. Tradução de Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. Hospitality. **Angelaki: Journal of the theoretical humanities**, v. 5, n. 3, p. 3-18, dez. 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KIMURA, Saeko. La littérature après Fukushima. Tradução de Kazuhiko Adachi e Chris Belouad. **Rue Descartes**, v. 88, n. 1, p. 32-47, 2016. Disponível em <www.cairn.info/revue-rue-descartes-2016-1-page-32.htm>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- KIMURA, Saeko. Uncanny anxiety: literature after Fukushima. In: GEILHORN, Barbara; IWATA-WEICKGENANT, Kristina (Eds.). **Fukushima and the arts: negotiating nuclear disaster**. Abingdon: Routledge, 2017.
- NISHIYAMA, Yuji; MOREAU, Yoann. **Hantologie de Fukushima, 2018**. Disponível em: <<https://blogterrain.hypotheses.org/11259>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SISKIND, Mariano. **Rumo a um cosmopolitismo da perda**: ensaio sobre o fim do mundo. Tradução de Caio Cesar Esteves de Souza. Rio de Janeiro; Zurique: Zazie Edições, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAWADA, Yōko. Emissário. **Emissário (Kentōshi, 献灯使)**. Tóquio: Kodansha, 2013. Edição Bunko.

TAWADA, Yōko. **Espalhados por toda a terra (Chikyūni chiribamerarete, 地球にちりばめられて)**. Tóquio: Kodansha, 2018. Edição Bunko.

TAWADA, Yōko. **As últimas crianças de Tóquio**. Coordenação de tradução de Satomi T. Kitahara. São Paulo: todavia, 2023.

NOTAS

¹ Fabio Pomponio Saldanha desenvolve pesquisa de Doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC), na Universidade de São Paulo (USP), com financiamento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7. É graduado em Letras (Português-Japonês) pela mesma Universidade. E-mail: fabio.saldanha@usp.br. Gostaria de agradecer os comentários dos pareceristas anônimos, pela leitura e pelos apontamentos feitos, quando da submissão deste texto para publicação. Os apontamentos, as sugestões e as questões levantadas podem levar esta pesquisa (que segue em andamento) para outros tantos caminhos que, talvez, aqui, não tenha conseguido, da melhor forma, responder; no entanto, o agradecimento também se registra enquanto uma promessa, um inquietamento, para o futuro, para o porvir, daquilo que ainda poderá vir a ser os próximos frutos das análises e das leituras indicadas. Em mais um tempo, uma versão anterior deste texto foi lida no "XIV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil/XXVII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa", sediado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2023.

² Durante este trabalho utilizaremos a versão traduzida ao português brasileiro, publicada pela editora Todavia (2023). No entanto, deixamos como ressalva o fato de a tradução conter somente a novela "Emissário", publicada no Brasil em formato de livro único, intitulado *As últimas crianças de Tóquio*. Pensando na economia da narrativa, é possível entender a escolha pela manutenção do título como traduzido também na edição britânica, *The Last Children of Tokyo*, publicada pela Granta, como exploraremos tematicamente durante a análise. O livro *Emissário* em si contém mais três contos e uma peça de teatro sendo que, no trabalho de doutorado que desenvolvo, será apresentada a tradução de um desses, o conto "Ilha dos não-mortos" (*Fushino shima, 不死の島*). A diferença dos títulos também remonta à novela em questão, na qual o título original (*Kentōshi*) parte de um jogo sonoro dos logogramas, entre os emissários enviados à China, nos séculos 7, 8 e 9 (遣唐使, *kentōshi*), grafando o título como 献灯使, *kentōshi*. A mudança mantém a ideia do enviado (使), no entanto, aqui, talvez, poderíamos começar a pensar que a ideia em si é, também, a manutenção do imponderado e do ainda desconhecido, quando se lança/oferece (献) alguém que servirá como guia/aquele que iluminará (灯) o caminho.

³ Por *sakoku* (鎖国) entende-se a política isolacionista, feita pelos Tokugawa, durante a Era Edo (1603-1868). O termo significa "país fechado", tendo como base o isolamento do Japão do

"resto do mundo" e retrata a limitação do fluxo de bens e pessoas, sendo proibido e vedado em grande maioria qualquer contato com o mundo exterior ao arquipélago. Na prática, ainda que de maneira muito restrita, em alguns portos selecionados, era possível o comércio com a China (em Nagasaki), os Países Baixos (em Dejima) e a Coreia (em Tsushima).⁴ Já toda publicada em japonês. Conta com os romances *Aludidos pelas estrelas* e *Arquipélago do Sol*.

⁵ Em duas passagens nas quais me inspiro: "O fato de que esses sujeitos dispersos e desunidos que erram pelo mundo sem um mundo [...] sejam representados como órfãos demonstra uma forma particular de perda e de estar perdido no mundo: a natureza órfã de seu deslocamento global." (p. 45) e "Ao contrário do exílio, a orfandade não é uma condição reversível, e a expropriação da inscrição simbólica que um pai/mãe ou um lar pode ter dado ao órfão o transforma (juntamente com outras figuras subjetivas marcadas pela perda, como o sem-teto, o refugiado e os que passam por luto) em eficazes figuras características do fim do mundo." (p. 47)

⁶ Também é possível imaginar que, a partir do contato com o imponderado, com aquilo que nem se sabe, ainda, o que é ou o que representa, o romance de Tawada proporcionaria a criação de um terceiro espaço, espécie de uma coisa *outra* que ainda não é nem passado, nem somente futuro, no qual a própria viagem é a metodologia de escrita do futuro, todavia sempre anunciado como presente porvir. Dessa forma, nem somente o passado, nem somente aquilo que ainda é puro desconhecimento, as maneiras nas quais as personagens se comunicam e criam pontes entre si pode ser entendida como algo que só se constrói por já estar sendo construída ali mesmo, naquele momento, da mudança, nessa espécie de abandono do mundo anterior que só pode alocutar um novo mundo ainda a ser definido, exatamente nessa perda sistêmica de tudo aquilo que, modernamente, poderia ser a construção de uma identidade (a monogamia, a nação, o sexo como reprodução, etc.). Agradeço aos pareceres anônimos pela possibilidade de me fazer refletir em torno dessa criação do entre-lugar no romance de Tawada.

⁷ Entendo por trauma do sobrevivente aquilo que o define enquanto sobrevivente em si, em uma lógica de reconhecimento prévio à formação da identidade: para Susano ser considerado um sobrevivente, é prevista, de certa forma, uma espécie de lógica comunitária do esquecimento na qual é aquele a ser diretamente afetado pelo desastre o único responsável por manter a significação da memória histórica viva. Assim, mesmo com uma lógica presentificada de responsabilização e guarda da memória do desastre (não sendo esse o caso aqui defendido em torno do acontecimento de Fukushima), a lógica social emulada na narrativa prevê que somente o sobrevivente seja o responsável por manter viva a possibilidade de se falar sobre o acontecimento traumático, o que, em última instância, determina, por uma lógica macro, que o sobrevivente seja o único a reviver, incessantemente, o trauma que o torna um sobrevivente.

⁸ Se pensássemos em Benjamin (1987, p. 221), no momento em que o "narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo", o que se pode observar é a exata falha na narrativa, por ser impossível narrar a dor do outro, mesmo em um papel destacado da literatura como caminho fabulativo. Logo, a própria aporia/dificuldade do narrar ou do falar por si envolveria, também, um cálculo impossível ao se imaginar que a justiça, perante o trauma de Fukushima, se encontra, no mínimo, cindida, com o abandono do sobrevivente (que agora não consegue sequer falar) sendo a própria epítome da tragédia não-natural. Susano, ao não conseguir narrar sua própria dor, também impedindo que a narrativa siga contando sua própria história, pode vir a ser o próprio limite daquilo que a experiência nuclear continua levando como impossibilidade da narrativa, dos limites que fabular em torno do futuro impõem à literatura, que passa a ter de enfrentar o fim do mundo em sua própria aporia. Sobreviver à tragédia é também a própria impossibilidade do testemunho não dizível, i.e., um testemunho que nunca poder ser testemunhado, porque a lógica imposta até ali é a necessidade de Susano ser visto e entendido, coisa que, quando passa a acontecer, tem seu próprio movimento interrompido (a narrativa chega ao fim, o testemunho é sem voz). Se a literatura for, então, a instituição que permitirá a fabulação do próprio testemunho, talvez seja necessário imaginar, para que a conta se torne sequer possível, o próprio questionamento de todos esses termos (justiça, testemunho, narração e literatura) de modo que possam vir a significar, até mesmo, uma coisa outra.

⁹ Se pensarmos em uma lógica na qual o excluído da narrativa, i.e., o sobrevivente que porta o trauma, é entendido em uma lógica de subalternização, mesmo a possibilidade de falar sem a materialidade sonora, a ausência da língua, já pode começar a complicar a ideia de pensarmos o sobrevivente como um subalterno. Se seguirmos o que diz Spivak (2010) em torno de tal conceito, subalternidade e fala não são passíveis de junção, mesmo na negativa, sem que se considere o efeito da fala na chance de se imaginar agência, movimentação política que também está traduzida na pluralização da voz. Ao contrário daquele que não pode ser ouvido porque não está inscrito nem sequer nas beiradas da agência, o sobrevivente da tragédia possui formas de falar/ser visto e notado enquanto sobrevivente, afinal, é assim que a sua história passa a ser inscrita em algo maior, mesmo se fora de algo como a grande escrita da história nacional. Mesmo se, na narrativa, a falta de voz em Susano, em um primeiro momento, causa incômodo e desconforto naqueles que o ouvem, todavia, o fato de falar com outra materialidade que não a especificamente sonora faz dele alguém que já é capaz de, como o original, alocutar um desejo de tradução que é atendido pelos presentes ali, naquele momento.

¹⁰ Isso significa, assim, que é a partir do binarismo criado pelo dentro/fora de "Emissário" que chegaríamos ao fim do mundo em "Espalhados por toda a terra", numa espécie de confabulação possível que só aconteceria por estarmos pensando o fim do mundo *a partir da literatura* (cf. Derrida, 1987). Seria, assim, consequência da constante diferenciação causada pelo conflito entre o dentro e o fora que o mundo no qual a literatura de Tawada habita já se torna uma consequência avançada, que só pode ser pensada porque é resultante do movimento reiterado do traço, da produção de diferença a partir da identidade marcada como aquilo que o outro não é. Assim, menos do que uma possibilidade de superação da diferença no fim do mundo, o cenário um tanto pessimista criado pela literatura de Tawada parece nos levar a crer que, dado que a diferença só produz mais diferença, sem possibilidade de superação da mesma, a única consequência/saída possível é... o fim do mundo!